

A várzea como refúgio: imaginários sociodiscursivos em narrativas de vida de personagens do futebol amador de Belo Horizonte/MG

The *várzea* as a refuge: socio-discursive imaginaries in life narratives of amateur football characters from Belo Horizonte/MG

Pollyanna de Mattos Moura Vecchio

CEFET-MG, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorado em Estudos de Linguagens
pollyannamattosvecchio@gmail.com

Luiz Henrique Silva de Oliveira

CEFET-MG, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada

RESUMO: Em muitas cidades brasileiras, campos de várzea e agremiações amadoras de futebol surgem para cobrir a lacuna de socialização e lazer em áreas onde o poder público está ausente. Nossa hipótese é a de que, ouvindo narrativas de vida de diferentes personagens da várzea, é possível ligar os pontos em comum dessas vozes e fazer emergir o interdiscurso capaz de evidenciar o conhecimento e os imaginários desses sujeitos sobre o papel e a evolução do futebol de várzea na capital mineira. Para tanto, valemo-nos de entrevistas espontâneas e de ferramental teórico da Análise do Discurso de linhagem francesa. Neste estudo, entrevistamos três personagens do futebol de várzea de Belo Horizonte de gerações diferentes (um participante de 29 anos, uma participante de 69 anos e outro de 72 anos) e analisamos como o imaginário sociodiscursivo da várzea como “refúgio” de ambientes hostis aparece no interdiscurso que perpassa as três narrativas de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Várzea; Análise do Discurso; Imaginários sociodiscursivos; Narrativas de vida.

ABSTRACT: In many Brazilian cities, lowland fields (“várzea”) and amateur football clubs appear to fill the gap in socialization and leisure in areas where public policies are absent. Our hypothesis is that, by listening to the life narratives of different characters from the várzea, it is possible to connect the common points of these voices and bring out the interdiscourse capable of highlighting the knowledge and imaginaries of these subjects about the role and evolution of football in the capital of Minas Gerais. We used spontaneous interviews and theoretical tools from French Discourse Analysis. So, in this study, we interviewed three characters from Belo Horizonte's várzea football from different generations (a 29-year-old participant, a 69-year-old participant and another 72-year-old participant) and we analyzed how the socio-discursive imaginary of amateur football as a “refuge” from hostile environments appears in the interdiscourse that permeates the three life narratives.

KEYWORDS: Amateur football; Várzea; Discourse Analysis; Socio-discursive imaginaries; Life narratives.

INTRODUÇÃO¹

Campos de futebol em regiões periféricas são uma realidade comum no Brasil. Grande parte desses equipamentos de lazer são construídos pelo esforço coletivo das comunidades que os circundam e são, em sua maioria, improvisados em terrenos baldios em que há uma grande extensão de terra plana, mais conhecida como várzea. Nesses locais, é comum que haja práticas espontâneas de futebol, as famosas “peladas”, mas em alguns casos acontece de surgir ali um time de futebol amador para disputar torneios regionais.

Ao longo do tempo, os campos de futebol de várzea acabam se transformando em espaços de socialização da comunidade em que estão inseridos e seus times contribuem para a formação da identidade dos sujeitos, constituindo entre eles um grupo de pertença. Diego Biagi, tendo se dedicado ao estudo dos significados das práticas de futebol amador na cidade de São Paulo, afirma que os clubes de comunidade “permitem enxergar muito além da questão do lazer popular: nos permitem enxergar diversas dinâmicas da intervenção política nos bairros, que se reflete na política municipal”.² Para o estudioso, o futebol tem o potencial de fazer ver e/ou demandar ações de estado para o desenvolvimento da qualidade de vida em espaços periféricos. Afinal, os campos promovem o encontro de atores sociais os mais diversos, mas que partilham de identidade e pertencimento razoavelmente comuns, assinalados pela coexistência no espaço. E é o espaço fator determinante para a construção das experiências e memórias afetivas e, porque não, históricas (resguardando limites e proporções do termo) de determinado grupo. Viver e pensar os espaços do futebol significa viver e pensar a própria cidade, isto é, aquilo que ela oferece e aquilo que ela “proíbe”. Em direção semelhante a de Biagi, mas considerando o caso de Belo Horizonte, nosso *locus* de pesquisa, pensamos que refletir historicamente sobre o futebol de várzea significa contribuir para reconstituição de parte da memória identitária da cidade.

¹ Pesquisa produzida no âmbito do projeto de extensão “Memórias do futebol de várzea em Belo Horizonte: das linhas do campo às páginas da identidade”, coordenado pelos autores no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

² BIAGI. *Amadores, profissionais e varzeanos*, p. 127.

Letícia Julião, estudiosa da história da capital mineira, defende que o plano de edificação da cidade, empreendido por Aarão Reis, preocupou-se unicamente com o núcleo administrativo, ou seja, os contornos da então avenida 17 de Dezembro, atual Avenida do Contorno. Conforme a pesquisadora, muito pouco se fez além de demarcar o território suburbano. Prova disso é que a Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) sequer considerou a edificação de vias que unissem a zona urbana e as zonas periféricas, o que resulta, pois, “num obstáculo concreto, isolando estrategicamente, a cidade cenário monumental daquela comumente identificada como pobre, perigosa e até mesmo insalubre”.³

De acordo com Julião, a geometria clara e arejada, que determinava previamente os limites e hierarquizava os territórios da cidade, não só reiterava o caráter higienista do projeto original, mas evitaria, por décadas adiante, contágios indesejados da cidade oficial com a cidade periférica. O projeto arquitetônico de Belo Horizonte, portanto, ao mesmo tempo revelava e naturalizava os chamados perigos da multidão suburbana. Os espaços geometricamente pensados e abertos colocariam todos à vista de todos. Nas palavras de Letícia Julião,

[...] o plano [de construção de Belo Horizonte] apresentava sinais de atomização urbana, uma vez que tendia a classificar espaços de acordo com funções distintas, isto é, fixavam-se áreas específicas para a moradia, o trabalho, o comércio, o lazer etc. São curiosas inclusive as denominações: Bairro dos Funcionários e Avenida do Comércio. Decretava-se, assim, uma tendência à compartimentalização da cidade, erguendo-se barreiras invisíveis entre as classes sociais, homogeneizando os espaços e eliminando a mistura de pessoas, atividades e coisas.⁴

Não é de se estranhar, portanto, que os habitantes de espaços periféricos de BH tenham se organizado a fim de criarem suas próprias zonas de convivência e socialização. Muitas regiões, inclusive, antecedem a estruturação da capital, como as atuais Venda Nova e Barreiro. Nesses lugares, habitavam descendentes de escravizados, operários da construção, migrantes pobres e uma sorte de pessoas “indesejadas” por significativa parcela das pessoas abrigadas dentro do perímetro da Avenida do Contorno.

³ JULIÃO. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920), p. 60.

⁴ JULIÃO. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920), p. 60-1.

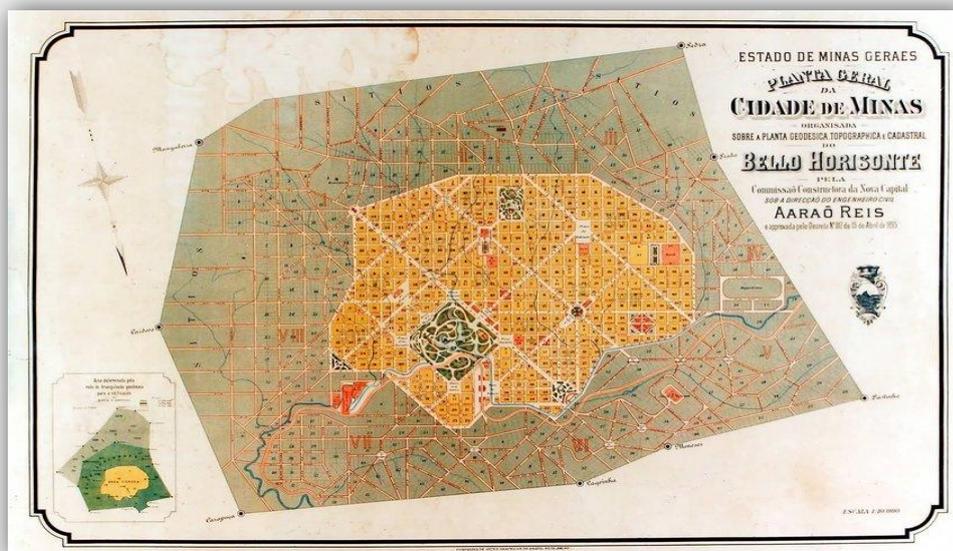


Figura 1: Planta Geral da Cidade de Minas (1895).
 Fonte: Arquivo Público Mineiro. Planta Geral da Cidade de Minas, on-line.

O futebol, por sua vez, acabou sendo uma forma de proporcionar ocupação, lazer e convívio em espaços carentes de políticas de Estado na cidade. É verdade, conforme afirma Diego Biagi, que há certa carência de registros históricos e jornalísticos sobre o futebol amador no Brasil e, diríamos, em Belo Horizonte, particularmente. Em relação aos primórdios da prática no país, o pesquisador afirma que “a documentação histórica do início do século XX privilegia a prática que ocorria dentro dos clubes de elite, tanto nas atas de reunião quanto nas coberturas jornalísticas”.⁵ Ao longo do referido século, embora tenha havido algum lugar em emissoras de rádio para o futebol amador, como é o caso da mineira Rádio Itatiaia,⁶ resgatar as histórias da várzea por meio de pesquisa documental é ainda tarefa hercúlia. Há iniciativas acadêmicas neste sentido, como os reconhecidos trabalhos de Raphael Rajão Ribeiro,⁷ só para citarmos um exemplo. Contudo, ainda tímidas diante da riqueza de informações a serem documentadas.

⁵ BIAGI. *Amadores, profissionais e varzeanos*, p. 51.

⁶ Transmissão em www.itatiaia.com.br ou 95,7 FM.

⁷ RIBEIRO, *A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal*, 2018; RIBEIRO, *Festivais esportivos varzeanos em Belo Horizonte*, 2019. RIBEIRO, *A várzea e a metrópole: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)*, 2021.

Por outro lado, os atores que vivenciaram e vivenciam o esporte nas cidades operam como arquivos vivos do conhecimento e devem ser contemplados quando se propõe reconstruir as memórias e as identidades das regiões onde estão inseridos. Ao se referirem ao futebol varzeano na capital paulista, os pesquisadores Alberto Luiz dos Santos, Aira Bonfim e Enrico Santos Spaggiari sinalizam para “uma necessidade explícita por incorporar sujeitos e grupos sociais historicamente silenciados, além de aprofundar um aporte teórico e conceitual que seja capaz de suplantar a concepção eurocêntrica de patrimônio, globalmente disseminada”.⁸

Tendo em vista tal possibilidade de pesquisa, este artigo se propõe a trazer parte da perspectiva daqueles que viveram para contar. Nossa hipótese é a de que, ouvindo narrativas de vida de diferentes personagens da várzea, podemos ligar os pontos em comum dessas vozes e fazer emergir o interdiscurso capaz de evidenciar o conhecimento e os imaginários desses sujeitos sobre o papel e a evolução do futebol de várzea na capital mineira.

Nesse sentido, para este artigo, entrevistamos três personagens do futebol varzeano de Belo Horizonte de duas gerações diferentes (um participante de 27 anos, uma participante de 69 anos e outro de 72 anos) e analisamos como o imaginário sociodiscursivo da várzea aparece no interdiscurso que perpassa as três narrativas de vida. As entrevistas foram coletadas com técnicas de narrativa de si⁹ depois transcritas e analisadas tendo em vista a perspectiva do interdiscurso.¹⁰ Uma vez que envolveu seres humanos, a pesquisa foi submetida à avaliação e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição onde foi executada.

Os resultados da análise demonstram que, dentre os imaginários que estão presentes nas narrativas, sobressai aquele que atribui ao futebol de várzea a responsabilidade de ter servido como contraponto à vida escassa das periferias retratadas pelos entrevistados e como um refúgio para o ambiente de violência a que estavam expostos.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na próxima seção, fazemos

⁸ SANTOS; BONFIM; SPAGGIARI. Mapeamento do futebol de várzea de São Paulo (SP), p. 149.

⁹ ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 100.

¹⁰ MAINGUENEAU. *Gênese dos discursos*, 2008.

uma revisão bibliográfica de estudos que tratam do futebol de várzea no Brasil até chegar ao nosso locus, ou seja, a cidade de Belo Horizonte. Em seguida, apresentamos algumas perspectivas teóricas sobre a violência e a periferia. Apresentamos também a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa que adotamos como base para o estudo, trazendo os conceitos de narrativa de si, interdiscurso e imaginários sociodiscursivos. Apresentado o arcabouço teórico, partimos para as análises do *corpus*, iniciando com a contextualização das entrevistas e a caracterização sociodiscursiva dos três participantes e finalizando com análise de trechos selecionados das entrevistas transcritas.

O FUTEBOL DE VÁRZEA PELO PRISMA DOS ESTUDOS ACADÊMICOS

Ao se realizar uma revisão bibliográfica sobre os estudos que tratam do futebol de várzea no Brasil, observa-se um número considerável de pesquisas no estado de São Paulo.

Daniel Veloso Hirata, por exemplo, desenvolve uma abordagem histórica sobre a relação do futebol amador com o desenvolvimento urbano e social da cidade de São Paulo, bem como sua inserção em contextos sociais específicos. Para o pesquisador, o futebol de várzea está intrinsecamente ligado ao processo de periferação da cidade, acompanhando as mudanças na indústria e seguindo a malha da rede de transporte coletivo municipal. O pesquisador levanta a hipótese de que a várzea se constitui como um campo de práticas e forças que filtram fluxos de diferentes circuitos e conexões dos territórios urbanos. Ele conclui que o futebol de várzea se apresenta como um prisma privilegiado para se captar transversalmente as diferenças das dicotomias entre formal/informal, legal/ilegal, estatal/privado no desenvolvimento da capital paulista.¹¹

No campo da Antropologia Social, a tese de Enrico Spaggiari focaliza a atuação de jogadores de futebol em Guaianases e outros bairros periféricos da zona leste de São Paulo (SP). Com base em descrições das relações que permeiam o sistema futebolístico amador e profissional, tais como o engajamento de familiares, agentes

¹¹ HIRATA. *O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo*, 2005.

de futebol, professores e diretores do clube varzeano Botafogo de Guaianases, foram discutidos os processos de captação de jovens e a transformação deles em futebolistas. O estudo conclui que os jovens praticantes do esporte são constituídos e constituidores de relações e práticas de fazer família no sistema que envolve o futebol. O conjunto de tais relacionalidades é o que o pesquisador chama de “família esportiva”, ou seja, “a objetificação das relações que produzem jovens futebolistas”.¹²

Alberto Luiz dos Santos estuda as batucadas de beira de campo como bens culturais num sentido amplo, defendendo o samba como patrimônio cultural da capital paulista e o futebol de várzea como autoconstrução e obra da periferia. Utilizando como metodologia um percurso etnográfico com observação de eventos com futebol e batucada, aplicação de questionário semiestruturado e registros audiovisuais, o pesquisador chega à conclusão de que há um “atrelamento histórico entre futebol e samba na capital paulista, das ‘várzeas iniciais’ às periferias da metrópole” e de que “nos campos de várzea, as referências culturais se realizam permeando identidades, pertencimento, sonoridades, memórias, ludicidade, formas de sociabilidade, gestos e estéticas”.¹³ Santos também defende que os campos de várzea são representações de lugares urbanos em que o valor econômico se opõe ao valor simbólico, sendo este determinado por afetos e sentimentos identitários que levam algumas comunidades a denunciarem a utilização capitalista dos campos com a especulação imobiliária, daí a emergência, segundo o pesquisador, do tombamento de campos onde se pratica o futebol popular.

Também com o objetivo de refletir sobre os processos de proteção ao patrimônio relacionado à várzea, Alberto Luiz dos Santos, Aira Bonfim e Enrico Spaggiari propõem um mapeamento da várzea paulistana encomendado pelo Núcleo de Identificação e Tombamento do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH). Tal mapeamento é feito por meio de três principais eixos temáticos de análise: os campos, os acervos/coleções e os eventos/projetos/práticas culturais envolvendo o futebol amador. A metodologia utilizada envolveu pesquisa documental e bibliográfica, mapeamento georreferenciado e pesquisa etnográfica. Os pesquisadores

¹² SPAGGIARI. *Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*, p. 391.

¹³ SANTOS. *O samba como patrimônio cultural em São Paulo (SP): as batucadas de beira de campo e o futebol de várzea*, 2021.

chegaram à conclusão de que o “futebol varzeano, de maneira simplificada, enquadra-se em bens materiais que poderiam ser tombados, incluindo as sedes dos clubes, os campos, as medalhas, as taças, os uniformes e toda coleção de acervos históricos”.¹⁴ Porém, a pesquisa demonstra que esse resguardo tem sido feito ainda de maneira rudimentar e quase exclusivamente pelas

próprias comunidades envolvidas com esses futebóis, que categorizam processo de levantamento documental, institucionalização, divulgação/comunicação das informações a respeito desses bens. Iniciativas que, no entanto, não diminuem ou escanteiam a urgência dos processos de resguardo, salvaguarda e fiscalização que são atribuídos a patrimônios protegidos.¹⁵

Sobre a região nordeste do Brasil, Rosângela Duarte Pimenta faz um estudo sociológico e comparativo entre o futebol amador e a pelada em áreas urbanas e sertanejas, especificamente nas cidades de Recife (PE) e Sobral (CE), entre 2005 e 2006. A metodologia utilizada foi a análise qualitativa de observação de partidas, de gravações de jogos e de entrevistas com dirigentes, jogadores e torcedores. O objetivo da pesquisadora foi observar como as regras de jogo são criadas, debatidas, seguidas e adaptadas pelos envolvidos nas partidas, tendo como arcabouço os estudos dos teóricos Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Harold Garfinkel. Pimenta concluiu que “o futebol amador se afasta muito de uma imagem de senso comum como um tipo de futebol inferior, desordenado e desregrado – no sentido de que as regras são constantemente burladas ou ‘esquecidas’”.¹⁶

No caso do Rio Grande do Sul, valendo-se de referencial teórico próximo ao nosso, a tese de Mauro Myskiw, realizada no universo das Ciências do Movimento Humano, propôs estudar os significados do futebol não apenas em face da circunscrição de um circuito e suas lógicas, mas também em relação à circulação e à trajetória de vida das pessoas. O autor mapeou o que ele chama de 4 controvérsias que lhe serviram como ponto de partida para analisar as identidades de sujeitos e suas práticas motivadas pela vivência no esporte em questão: a) “aquí é a várzea, não é o profissional”; b) “o clube de hoje é um jogo de camisas”; c) “o que incomoda é a

¹⁴ SANTOS; BONFIM; SPAGGIARI. Mapeamento do futebol de várzea de São Paulo (SP): reflexões para processos de proteção ao patrimônio, 2022.

¹⁵ SANTOS; BONFIM; SPAGGIARI. Mapeamento do futebol de várzea de São Paulo (SP), p. 150.

¹⁶ PIMENTA. *Desvendando o jogo: futebol amador e pelada na cidade e no sertão*, p. 195.

pressão que vem de fora”; e d) “hoje eles foram só para jogar bola”. O estudioso concluiu que os significados do futebol implicam e estão implicados num paradoxo: de um lado, os entrevistados defenderam um movimento de purificação do futebol de várzea, ou seja, são partidários das origens e das imagens dos primeiros movimentos da prática em solo sul-rio-grandense; de outro lado, os entrevistados não foram avessos a um inevitável movimento de hibridização, onde as tramas e as trajetórias de vida não são e nem poderiam ser deixadas de lado, porque são processo e produto do futebol.¹⁷

No caso de Belo Horizonte, com pesquisa bibliográfica baseada sobretudo na análise de jornais da época, Raphael Rajão Ribeiro se dedicou ao estudo das origens tanto do futebol de clubes quanto do futebol amador em Belo Horizonte. O autor afirma que, ao longo da primeira metade do século XX, os times mais elitizados que estavam se formando na capital e no estado de Minas Gerais acabaram se juntando para formar um circuito de futebol de espetáculo, ou seja, campeonatos com presença de torcida e arrecadação de bilheteria. Também começaram a assumir cargos de direção em entidades reguladoras do esporte no estado, resultando na profissionalização de alguns times, como o Atlético e o América, e limitando os jogos de times de elite com agremiações que não fizessem parte do circuito, sobretudo fazendo “segregação da associação de trabalhadores braçais, de negros, de pobres e de moradores de áreas suburbanas”.¹⁸

Esse teria sido um dos motivos para a formação de agremiações paralelas aos times já existentes. Nessa época, teriam surgido times amadores em bairros mais populares, como Yale Athletic Club e o Palestra Itália (que passará a se chamar Cruzeiro Esporte Clube), times do bairro operário do Barro Preto, e outras agremiações nos bairros Floresta e Lagoinha, ambos fora do perímetro da Avenida do Contorno.

O futebol como espetáculo seguiu o inevitável caminho da profissionalização, embora travasse diálogo com o futebol amador varzeano. Este, em inúmeros momentos, operou como refúgio à exclusão provocada pelo crescimento desordenado da capital. O traçado da cidade já aponta para um futuro de difícil integração,

¹⁷ MYSKIW. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*, 2012.

¹⁸ RIBEIRO. *A várzea e a metrópole*, p. 205.

em sentido amplo, entre o centro administrativo e as zonas periféricas. Os campos de terras, nestes espaços, cumpriram papel de socialização e integração de grupos violentados – também em sentido amplo – dentro do território municipal.

Ainda sobre a várzea belo-horizontina, Felipe Vinícius de Paula Abrantes, em sua tese de doutoramento em Estudos do Lazer, analisa especificamente a prática esportiva realizada por frequentadores do Parque Jornalista Eduardo Couri, no Morro do Papagaio, em Belo Horizonte. Em relação aos usos do parque, para além dos campos de futebol, a pesquisa de Abrantes mostrou que existe uma espécie de barreira social entre os diferentes grupos que usam o equipamento público. Ainda que a organização de equipes de futebol materialize torneios e festivais no Parque, a apartação social nas organizações das equipes, bem como na apropriação do equipamento público são elementos denunciadores da apartação social no território em que o espaço público está localizado.

Abrantes chega à conclusão de que, na gestão do parque, faltava/falta conexão entre os anseios da comunidade e o que era oferecido pelo poder público, pois a pesquisa revelou que a maioria das atividades de lazer no parque eram/são iniciativas dos moradores, evidenciando, assim, a falta de protagonismo do Estado. Ele também analisa que os campos do parque são espaços públicos, mas a manutenção, organização e promoção de atividades são feitas pela Associação Esportiva da Barragem Santa Lúcia, que se opôs à colocação de grama sintética no campo, alegando que poderia levar ao controle do espaço por empresas patrocinadoras privadas, uma forma de resistência à mercantilização dos campos,¹⁹ o que seria, pois, mais um golpe violento nas populações periféricas e protagonistas do futebol amador.

A(S) VIOLÊNCIA(S)

De acordo com a Organização Mundial da Saúde,²⁰ a violência é definida como o uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes

¹⁹ ABRANTES. *A bola no “pé do morro”: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte-MG*, 2021.

²⁰ KRUG et al. *World report on violence and health*, 2002.

probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações.

O documento aponta subdivisões para o termo violência.²¹ Destacamos aqui, para nossos propósitos, a violência cometida ou tolerada pelo Estado e a violência psicológica. Diversos autores, tais como Walter Benjamin, Karl Marx, Michel Foucault, Sigmund Bauman, Giorgio Agamben, Hannah Arendt e Marx Weber sinalizam que a violência subjaz a toda e qualquer forma de abuso de poder. Tais autores são unânimes em apontar as diferentes formas de abuso do Estado para promover ou manter controle de determinados grupos ou corpos.

Durante o seminário *Sécurité, Territoire, Population*, ministrado em 1978, no Collège de France, Michel Foucault, por exemplo, propõe entender o poder não apenas como relação entre indivíduos ou grupos, mas também como conjunto de práticas de governo, as quais possibilitam que alguns possam conduzir ou governar a conduta de outros, de tal sorte a interferir no horizonte de possibilidades de ações e vivências. Naquele momento, o filósofo estava preocupado com as especificidades das práticas de governo e as justificativas que fazem com que alguns governem e outros obedeçam.

Em trabalhos anteriores, como em *Vigiar e punir*, publicado originalmente em 1975, o autor já havia analisado tecnologias e racionalidades de governo e controle, as quais chamou de “poder disciplinar” e de “biopoder”. A primeira diz respeito aos aparatos de organização e gestão de vidas e cerceamento de seres e condutas. A segunda, às formas práticas de controle da vida de sujeitos e grupos. Por vezes, o uso da força ou da coerção são estratégias de implementação tanto do poder disciplinar quanto do biopoder. Força aqui não se resume ao uso do físico, mas a mecanismos aparentemente naturais de conservação ou manutenção de sujeitos e condutas (in)desejáveis. Nas palavras de Foucault,

o que há de mais perigoso na violência é sua racionalidade. Certamente, a violência é em si mesma terrível. Mas a violência encontra sua ancoragem mais profunda na forma da racionalidade que nós utilizamos. Pretendeu-se que se nós víssemos em um mundo de razão, nós nos livraríamos da violência. O que é to-

²¹ O documento destaca ainda as seguintes formas de violência: violência física, assassinatos, violência sexual e psicológica, assédio sexual e moral (no trabalho ou não), abusos emocionais, espancamentos, prostituição forçada, coerção à pornografia, a violência étnica e racial e violência cometida ou tolerada pelo Estado.

talmente falso. Entre a violência e a racionalidade, não há incompatibilidade. Meu problema não é o de fazer o julgamento da razão, mas o de determinar a natureza dessa racionalidade que é tão compatível com a violência.²²

Sendo assim, arriscamos dizer que, no caso de Belo Horizonte, a cidade oficial não espera o contato aberto e livre entre o centro planejado e as periferias. Prova disso são as ausências de espaços de socialização nas regiões mais distantes do hipercentro e a dificuldades de acesso a ele. Além de uma indubitável promoção da violência de Estado, no caso de nossa capital planejada, por meio da racionalidade positivista, a separação tácita perpetrada pela organização do espaço resulta em outra forma de violência: a psicológica.

A título de exemplo, ao realizar amplos estudos de casos, Viviane Guerra assevera que a violência psicológica constitui toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobranças exageradas, punições humilhantes. Tais formas de maus-tratos psicológicos são responsáveis por ocasionar danos ao desenvolvimento biopsicossocial, principalmente de crianças e adolescentes. Uma das consequências, em longo prazo, da violência desta natureza é a fragilização da personalidade da vítima, mais especificamente na sua forma de encarar a vida.²³

Mas por que trazermos o debate sobre formas de violências aqui? Justamente porque, como as narrativas dos entrevistados mostrarão, o futebol de várzea, por meio de sua inequívoca socialização, a despeito da exclusão perpetrada pela racionalidade da cidade oficial, reforça não só as noções de identidade e pertencimento, mas também ajudam o sujeito a se fortalecer diante de inúmeras violências. Os participantes de nosso estudo, periféricos e, portanto, alijados em grande medida, de inúmeras atividades da cidade em que estão inseridos, enxergam nos campos de terra fortalecimento suficiente para vencer as formas de violência de Estado e de violência psicológica.

Segundo Tiaraju D'Andrea, o termo periferia deriva dos debates econômicos ocorridos nas décadas de 1950 e 1960. Tais debates tratavam das relações desiguais entre os países da periferia do capitalismo e as chamadas economias cen-

²² FOUCAULT. *Dits et écrits II-1976-1988*, p. 857-58, tradução nossa.

²³ GUERRA. *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*. 1998.

trais. Sobretudo naquele momento, vários estudos analisaram os desdobramentos do referido cenário econômico nas cidades latino-americanas, principalmente aquelas que experimentavam explosão demográfica.

No âmbito dos estudos sobre a realidade brasileira, houve consenso em denominar periferia um território geográfico cujas principais características eram pobreza, precariedade e distância em relação ao centro. Por sua vez, se a partir dos anos de 1970, parte dos esforços interpretativos voltava-se para a produção da cidade como reflexo da produção econômica, a partir dos anos 1980, pesquisas de viés antropológicas lançaram um novo olhar sobre a periferia, ressaltando modos de vida e o imaginário das populações.²⁴

D’Andrea ainda explica que é possível conceituar periferia como “movimento popular espontâneo que possui particularidades intrínsecas à conjuntura histórica na qual foi criado e se desenvolveu”.²⁵ Por isso, o autor ressalta a existência de uma memória que perpassa gerações, ou seja, “uma vivência que produz identificação com os sujeitos oriundos da mesma classe social e com códigos compartilháveis”.²⁶ As experiências urbanas e sociais são distintas quando comparamos periferias e centro. Da mesma forma que as infâncias, os gostos e as subjetividades também o são.

Veremos adiante o interdiscurso presente nas memórias discursivas dos entrevistados. O próximo passo, pois, será o de tentar entender como os imaginários sociodiscursivos, por meio do interdiscurso, revelam imagens do futebol de várzea.

AS NARRATIVAS DE SI, O INTERDISCURSO E OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Dentro do campo epistemológico da Análise do Discurso de linha francesa, adotamos, como base para este estudo, três conceitos que guiaram as análises: a narrativa de si, o interdiscurso e os imaginários sociodiscursivos, os quais apresentamos brevemente a seguir.

²⁴ A este respeito, vale conferir: ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985 e KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

²⁵ D’ANDREA. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitos e sujeitas periféricos, p. 20.

²⁶ D’ANDREA. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e [...], p. 34.

A respeito da teoria das narrativas de si ou narrativas de vida, Leonor Arfuch afirma que “toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade”.²⁷ Também afirma que, nas últimas décadas, houve um grande aumento na produção de relatos de vida, em um movimento interdisciplinar de análises e da utilização preferencial da entrevista como fonte de dados para a pesquisa científica em Ciências Sociais. Para a autora, o uso da entrevista traz para a pesquisa “o imaginário da voz, da presença, da proximidade, a ideia de uma ‘verdade’ – da vida, do acontecimento – que o diálogo, em suas inúmeras acentuações, seria capaz de restituir”.²⁸

A concepção de Dominique Maingueneau do interdiscurso, por sua vez, pressupõe uma memória discursiva que todo sujeito traz de bagagem contendo tudo aquilo que, ao longo da vida, ele leu, ouviu e viu e que derivou de fontes como a família, o Estado, a igreja, a mídia etc. Para Maingueneau, essa memória discursiva é “constituída de formulações que se repetem, recusam e transformam outras formulações”.²⁹ Assim, há discursos dentro de outros, tanto naqueles que se reafirmam quanto nos que se rejeitam, numa rede ou num diálogo infinito. Essa rede, então, seria o interdiscurso e seu estudo passou a ter primazia nas pesquisas desse campo epistemológico.³⁰

Já os imaginários sociodiscursivos, segundo Patrick Charaudeau, referem-se a interpretações da realidade compartilhadas por determinados grupos sociais e disseminadas em domínios discursivos específicos, como a religião, a política, a arte e o esporte. Segundo o autor, uma vez que a realidade seria complexa demais para ser percebida pelo Homem isoladamente, ele se vale dos imaginários sociodiscursivos produzidos por instâncias de poder para dar sentido às suas experiências. Além de moldar a sua percepção de mundo, os saberes e discursos aos quais o Homem tiver aderido ao longo dos anos, consciente ou inconscientemente, teriam interferência direta nas suas escolhas e ações, moldando também a sua vida.

²⁷ ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 100.

²⁸ ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 242.

²⁹ MAINGUENEAU. *Novas tendências em Análise do Discurso*, p. 115.

³⁰ MAINGUENEAU. *Gênese dos discursos*. 2008.

Os imaginários sustentam a adesão a uma determinada forma de enxergar o mundo e podem ser identificados não só nos textos produzidos pelo aparelho de regulação, mas também nas falas de seus seguidores ou mesmo de seus opositores. Nesse sentido e na perspectiva do interdiscurso, os imaginários sociodiscursivos se manifestariam no discurso dos sujeitos e das instituições e revelariam suas visões de mundo, suas identidades individuais e coletivas, sua adesão ou refutação a um discurso dominante e a avaliação que fazem de suas atividades sociais.

Assim, por meio da análise do interdiscurso que perpassa as entrevistas com personagens diferentes da várzea belo-horizontina, investigamos quais imaginários sobre o futebol amador emergiram nas falas dos participantes, no diálogo presente entre os textos. Em seguida, discutimos o que esses imaginários podem revelar em relação ao papel e a importância do futebol amador para seus praticantes, para as comunidades em que estão inseridos e, ao fim e ao cabo, para a própria cidade de Belo Horizonte.

METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES

Este estudo faz parte do projeto de extensão “Memórias do futebol de várzea em Belo Horizonte: das linhas do campo às páginas da identidade”, coordenado pelos autores no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). O objetivo principal do projeto é reconstruir parte da memória identitária de Belo Horizonte por meio de entrevistas com personagens do futebol amador local.

Tendo como base teórica as técnicas de narrativas de si, foi elaborado um roteiro de entrevista em profundidade com perguntas que levavam os participantes a, primeiro, relatarem sua história com a várzea de Belo Horizonte e, depois, apresentarem a perspectivação de si em relação ao papel que a várzea desempenha/desempenhou nas suas vidas e na de outros indivíduos e comunidades que fazem parte de suas respectivas trajetórias. As entrevistas duraram em média 60 minutos, foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para fins de análise. Por questões éticas, os nomes dos participantes foram alterados para nomes fictícios.

O primeiro participante será denominado Carlos. Trata-se de um homem de 72 anos de idade que relata ter sido jogador e treinador de diversos times

amadores da capital mineira, incluindo agremiações já extintas e times ainda atuantes e vinculados à Federação Mineira de Futebol. Sua atuação principal teria sido entre os anos de 1970 e início dos anos 2000, em times das regiões Centro-sul e Oeste de Belo Horizonte. Carlos é aposentado e sua escolaridade é o Ensino Fundamental. O participante também relata ter atuado como comentarista esportivo do futebol de várzea belo-horizontino em rádio comunitária.

A segunda participante será denominada Rosa. Trata-se de uma mulher de 69 anos de idade, que participa como voluntária de uma agremiação vinculada à Federação Mineira de Futebol. Rosa cuida da escolinha de futebol para crianças e adolescentes carentes no campo do time ao qual está ligada, na região Centro-sul de Belo Horizonte. Entre suas responsabilidades, está a arrecadação de verba entre os comerciantes locais para o lanche semanal servido para cerca de 100 alunos após o treino. Rosa é aposentada, mas ainda trabalha como salgadeira no bar à beira do campo do time ao qual está vinculada. Sua escolaridade é o Ensino Fundamental.

O terceiro participante será denominado Daniel. Trata-se de um homem de 29 anos de idade, que relata já ter sido jogador de diferentes times amadores da capital mineira, incluindo times federados. Ainda atuante, porém não na categoria de destaque dos times (primeiro quadro), sua atuação principal teria sido entre os anos de 2008 e 2015, em times da região Oeste e Noroeste de Belo Horizonte. Daniel é bacharel em Direito.

Os três participantes relatam terem vivido durante a infância, adolescência e parte da vida adulta em aglomerados urbanos, fora do hipercentro da capital, onde estão as sedes dos principais times amadores aos quais estiveram/estão ligados.

ANÁLISES DISCURSIVAS

Conforme observamos na descrição dos participantes, embora tenham vivenciado o futebol amador na cidade de Belo Horizonte, eles pertencem a gerações diferentes e não fizeram parte dos mesmos times. Apesar desse distanciamento temporal e geográfico, o interdiscurso que perpassa as três narrativas evidencia o imaginário da várzea como um contraponto à infância e à juventude carentes de recursos vivenciadas pelos entrevistados. Analisemos os seguintes trechos:

Minha vida naquela época era vida de pobre. Eu fui criado em uma favela. Você tinha que buscar a água na cabeça. Tinha que se virar, estudar de manhã, levar o almoço para o pai ao meio-dia e voltar a pé para os campinhos de bola. Aí, a tarde inteira ficava disponível, até as sete horas. Até o sol ir embora, a gente ia jogar futebol. Era pelada o dia inteiro. No domingo ia jogar no time. (CARLOS).

Antigamente não tinha nada aqui. A única coisa que destacava era o futebol e a igreja. Eu mexi na igreja também. Fiz coroação de Nossa Senhora. Não tinha televisão direito, não tinha celular igual tem hoje. Não tinha muito lazer, nosso lazer era ver o time jogando. (ROSA).

Eu cresci em uma vila bem pequenininha, colada no Anel Rodoviário. Então eu, meus primos e meus amigos não tínhamos muito acesso ao lazer e cultura. Meus pais são casados há mais de 40 anos, então eu tive uma boa estrutura familiar, mas a gente não tinha dinheiro. Meu lazer, durante minha infância, era jogar bola. Eu jogava bola em qualquer lugar que você possa imaginar: na rua, em casa, em qualquer quadra que nós achávamos, qualquer campo. Isso acontecia até mesmo por falta de dinheiro e de acesso a outros brinquedos. Por exemplo, na minha época tinha videogame, mas eu, meus primos e meus amigos não tínhamos. Então a gente jogava bola no tempo livre inteiro. Eu ia pra escola de manhã, voltava, a gente comia e eu e meus primos íamos pro campo. (DANIEL).

Nos três trechos, podemos observar, por um lado, formações que revelam a visão dos entrevistados sobre a comunidade onde moravam como um lugar carente de recursos e sobre as parcas condições socioeconômicas de suas respectivas famílias. Esse imaginário pode ser observado nas escolhas lexicais dos entrevistados para caracterizar o local em que viviam: “vida de pobre”, “favela”, “vila bem pequenininha, colada no Anel Rodoviário”, “não tinha nada aqui”; em descrições de atividades, como “tinha que buscar a água na cabeça”; na atestação da ausência do Estado em: “não tínhamos muito acesso ao lazer e cultura”, “Não tinha muito lazer”; e na baixa condição socioeconômica das famílias em: “a gente não tinha dinheiro”, “falta de dinheiro e de acesso a outros brinquedos”.

Por outro lado, observamos formações que trazem o imaginário da prática espontânea do futebol como a única opção de lazer disponível no contexto em que viviam. Esse imaginário pode ser observado em trechos como “até o sol ir embora a gente ia jogar futebol. Era pelada o dia inteiro”, “Meu lazer, durante minha infância, era jogar bola”, “então a gente jogava bola no tempo livre inteiro. Eu ia pra escola de manhã, voltava, a gente comia e eu e meus primos íamos pro campo”, “A única coisa que destacava era o futebol” e “nosso lazer era ver o time jogando”.

Outro interdiscurso que perpassou as narrativas foi a visão da várzea como um contraponto à violência a que estão expostos os moradores das comunidades periféricas, podendo ser eles vítimas dela ou mesmo enxergar na própria criminalidade uma opção de ocupação do tempo livre, tendo em vista a ausência do Estado na implantação de políticas públicas de lazer, esporte, cultura e de outras atividades voltadas para crianças e jovens moradores desses locais. Isso sem mencionar a ausência de opções amplas de lazer em espaços mais distantes do hipercentro da capital. Analisemos os seguintes trechos:

Eu falo mais de onde eu venho e lá o pessoal é humilde. Você pega aquelas crianças que estão saindo do crime e tal, você dá uma condição boa, um projeto que a criança chega e tem um café da manhã para ele, tem um jogo de futebol, sendo o melhor pra ele, tem ajuda daquelas empresas com algum suporte, dá camisa, fim de ano faz festa. Então a criança sai um pouco de drogas, que toda favela tem. (CARLOS).

Comecei há muito tempo a mexer com escolinha, mas daí parou. De uns doze anos pra cá, eu comecei a dar os lanches de novo, depois de um dia que eu estava sentada no ônibus com um antigo técnico da escolinha. A gente estava vendo fotos dos meninos dos times e ele tava me mostrando quem tinha morrido, a maioria por criminalidade. Daí eu falei com ele pra gente voltar com a escolinha pra diminuir um pouco isso. Assim eu comecei a mexer de novo com os lanches e estamos aqui até hoje. (ROSA).

Eu cresci em um lugar onde a gente tinha contato e vivia em meio ao tráfico de drogas, o que era escancarado, à luz do dia. Então eu passava do lado de conhecidos meus, primos meus que vendiam drogas e que estavam ali planejando até mesmo ações criminosas. E o futebol sempre foi, pra mim, o que nos mantinha ocupados com uma coisa boa. Eu acho que atrelado a educação, o esporte tem poder de socializar e de ensinar. Eu sempre falo que a várzea forma caráter. A gente jogava bola mesmo, o dia inteiro, e era aquilo que nos mantinha, de certa forma, felizes, entretidos, enfim, envolvidos com algo que nos ajudava a ficar longe de coisas ruins. (DANIEL).

Os entrevistados compartilham o imaginário da comunidade periférica como um lugar onde há grande exposição da violência, vivenciada inclusive por crianças. Isso pode ser vislumbrado nos seguintes trechos: “crianças que estão saindo do crime”, “a gente tinha contato e vivia em meio ao tráfico de drogas” e “eu passava do lado de conhecidos meus [...] que estavam ali planejando até mesmo ações criminosas”, “ele tava me mostrando quem tinha morrido, a maioria por criminalidade”. Outra coincidência é que os três entrevistados projetam o futebol de várzea como um refúgio para essas violências. Como se o campo funcionasse como um território imune às formas de violação em sentido amplo.

No caso do entrevistado Carlos, ele não inclui a si mesmo nessa vivência, mas demonstra adesão ao imaginário da várzea como refúgio quando elogia a iniciativa de projetos para crianças que envolvem o futebol amador, classificando-os positivamente, como nos trechos “sendo o melhor pra ele” e “a criança sai um pouco de drogas”.

No caso da entrevistada Rosa, a sua observação do futebol como contraponto à violência a teria levado a se articular com outros moradores para reavivar a escolinha de futebol, projeto do qual participa ativamente na atualidade. Isso pode ser observado no trecho: “A gente estava vendo fotos dos meninos dos times e ele tava me mostrando quem tinha morrido, a maioria por criminalidade. Daí eu falei com ele pra gente voltar com a escolinha pra diminuir um pouco isso”.

Em relação ao entrevistado Daniel, a adesão ao imaginário da várzea como refúgio à violência emerge como experiência própria, em que o entrevistado enxerga o futebol periférico como um dos fatores que contribuíram para que ele tivesse uma infância sadia e que ajudaram na formação de seu caráter. Isso pode ser observado em trechos como: “nos mantinha ocupados com uma coisa boa”, “a várzea forma caráter”.

Por fim, nas três narrativas, perpassa o interdiscurso de que o futebol de várzea tem grande potencial para subsidiar políticas públicas de esporte e lazer em comunidades periféricas.

Eu penso que essas escolinhas que eles fazem hoje em dia nos campos de várzea são uma coisa muito boa, porque as crianças já ficam com aquele intuito. Porque, hoje em dia, querendo ou não, até a criança da favela, com poder aquisitivo menor, não tem mais o mesmo interesse no futebol. O negócio deles é computador, celular, é rede social. A criança da favela está inserida nesse contexto já. Então os projetos que têm em alguns times de favela devem ser expandidos, vários locais de favelas têm muito isso, projeto do menor. (CARLOS).

Um campo de periferia igual tem aqui, com esse tanto de menino que tem aqui, eu não me preocupo se vai sair um Neymar. É claro que eu vou gostar, mas eu estou mais preocupada com a escola, que ele estude e que ele respeite as pessoas, se torne uma pessoa do bem, que vai ter uma família. É pra isso que eu venho aqui todo sábado e corro atrás do lanche. (ROSA).

A gente tem uma várzea cada vez mais atuante. O poder público deveria utilizar isso para o bem. A prefeitura, o governo do estado, até mesmo políticas públicas federais, eles podem utilizar isso como um aliado no combate à violência, no aumento dos índices dos indicativos escolares. E a gente não usa isso porque a gente não achou o modelo eficaz, eficiente, ou porque a gente não deu a devida atenção para isso, pra juntar educação, esporte, porque é algo que não pode estar desvinculado. (DANIEL).

Nos trechos, percebemos a adesão dos entrevistados ao imaginário da várzea como fator de transformação social, como um instrumento próprio das periferias e que, por esse motivo, teria grande potencial para ser usado pelo poder público para melhoria das condições de vida em locais que, desde a fundação da cidade de Belo Horizonte até contemporaneamente, têm sido alijados do acesso a aparelhos públicos de lazer, esporte e cultura.

No caso do entrevistado Carlos, há uma visão de que os projetos de escolinhas de futebol para menores de idade nos clubes amadores podem servir, inclusive, de contraponto a um desafio pungente enfrentado por crianças e jovens nos últimos anos, que é o excesso de tela. Já a entrevistada Rosa demonstra seu entendimento de que, por um lado, a chegada ao estrelato de um jogador profissional saído de campos de periferia é um acontecimento raro se observarmos a quantidade de crianças que frequentam os campos. Por outro lado, é imenso o potencial do futebol comunitário de contribuir para um crescimento saudável de um enorme número de crianças e adolescentes moradores de periferias e que esse deveria ser o objetivo maior dos projetos que envolvem a várzea.

Por fim, o entrevistado Daniel vislumbra a utilização do potencial do futebol de várzea como política de integração entre educação e esporte que poderia transformar a realidade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, entrevistamos três personagens do futebol varzeano de Belo Horizonte, os quais chamamos ficticiamente de Carlos, ex-jogador de 72 anos; Rosa, responsável pelo lanche de um projeto de uma escolinha de futebol, de 69 anos; e Daniel, atual jogador, de 29 anos. Nosso objetivo foi investigar como o imaginário sociodiscursivo da várzea aparece no interdiscurso que perpassa as três narrativas de vida. As entrevistas foram coletadas com técnicas de narrativa de si, depois transcritas e analisadas tendo em vista a perspectiva do interdiscurso.

Nossa hipótese foi a de que, ouvindo narrativas de vida de diferentes personagens da várzea, pudéssemos ligar os pontos em comum dessas vozes e fazer e-

mergir o interdiscurso capaz de evidenciar o conhecimento e os imaginários desses sujeitos sobre o papel e a evolução do futebol de várzea na capital mineira.

Para tanto, fizemos um primeiro movimento de discutir brevemente a instalação da capital e os indícios de exclusão, tais como a urbanização do núcleo administrativo em detrimento das zonas periféricas; a falta de acesso e fácil integração entre os diversos espaços da cidade; e a ausência de equipamentos de lazer, esporte e cultura para além dos contornos da Avenida do Contorno.

Em seguida, relacionamos a formatação da história de Belo Horizonte a um processo de violência contra sujeitos periféricos. Duas formas de violência mereceram destaque. Por um lado, a violência de Estado, uma vez que, por meio de sua racionalidade, a cidade (leia-se: os governos) não se dispôs a dotar, a contento, as regiões periféricas de equipamentos públicos de lazer, esporte e cultura. Por outro lado, daqui deriva a segunda forma de violência, a psicológica, uma vez que a falta de espaços de socialização pode afetar o desenvolvimento pleno destes sujeitos – a menos que eles se protejam ou criem espaços de resistência.

O interdiscurso presente nos relatos dos entrevistados revela três dimensões acerca do futebol de várzea em Belo Horizonte. Em primeiro lugar, o imaginário da várzea aparece como um contraponto à infância e juventude carentes de recursos, uma vez que os entrevistados são de origem bastante humilde e habitaram espaços periféricos da capital. Em segundo lugar, surge o imaginário da várzea como um contraponto à violência a que estão expostos os moradores das comunidades periféricas. Como desdobramento desse interdiscurso, pode-se ler a várzea como uma das poucas possibilidades de lazer em espaços carentes. Curiosamente, estes espaços não foram contemplados com infraestrutura adequada ao bem-viver desde a fundação de Belo Horizonte, tampouco despertaram interesse por parte de governos em dotá-los de equipamentos de esporte, lazer e cultura. E, por fim, o futebol de várzea é visto como elemento de grande potencial para subsidiar políticas públicas de esporte e lazer em comunidades periféricas.

Com este trabalho, esperamos evidenciar, por meio do interdiscurso analisado, demandas urgentes de sujeitos e coletivos quanto ao esporte e ao lazer na cidade de Belo Horizonte. Ressaltamos que se trata de um trabalho em fase inicial, que faz parte de um projeto de extensão baseado em entrevistas com personagens do fute-

bol de várzea local. Esperamos que, conforme o projeto avance e sejam coletadas e analisadas mais entrevistas, seja possível reconhecer outros imaginários que nos permitam reconstruir parte da memória identitária da capital de Minas Gerais.

* * *

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula. **A bola no “pé do morro”**: o futebol como campo de possibilidades de lazer no Morro do Papagaio em Belo Horizonte-MG. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer), FEFETO, UFMG, Belo Horizonte, 2021.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Acervo cartográfico do APM. **Planta Geral da Cidade de Minas**. Disponível em: shorturl.at/nKX59. Acesso em: 9 nov. 2022.
- BIAGI, Diego Fernandes de. **Amadores, profissionais e varzeanos**: os significados das práticas futebolísticas na cidade de São Paulo e os clubes da comunidade. Dissertação (Mestrado em História), FGV-Rio, 2017.
- CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, 571-591, 2017.
- D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitos e sujeitas periféricos. **Novos estudos**. CEBRAP, n. 39, v. 1, 2020, p. 19-36.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits II-1976-1988**. Paris: Gallimard, 2001.
- GOMES, Lívio Rodrigues. **Entre campos e cantos**: para uma sociologia do futebol amador. Dissertação (Mestrado em Sociologia), FAFICH, UFMG, Belo Horizonte, 2013.
- GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos**: a tragédia revisitada. São Paulo: Cortez, 1998.
- HIRATA, Daniel Veloso. **O futebol varzeano**: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Sociologia), FFLCH, USP, São Paulo, 2005.
- JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org). **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996, v. 1, p. 49-105.
- KRUG, Etienne G. *et al.* (eds). **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad.: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3 ed. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1997.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), UFRGS, Porto Alegre, 2012.

PIMENTA, Rosângela Duarte. **Desvendando o jogo**: futebol amador e pelada na cidade e no sertão. Tese (Doutorado em Sociologia), CFCH, UFPE, Recife, 2009.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal**: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2018.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A várzea e a metrópole**: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989). Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais), FGV, Rio de Janeiro, 2021.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Festivais esportivos varzeanos em Belo Horizonte: memória social da cultura futebolística popular. **FuLiA/UFMG**, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 3, p. 10-36, 2019.

SANTOS, Alberto Luiz dos. **O samba como patrimônio cultural em São Paulo (SP)**: as batucadas de beira de campo e o futebol de várzea. Tese (Doutorado em Geografia Humana), FFLCH, USP, São Paulo, 2021.

SANTOS, Alberto Luiz dos; BONFIM, Aira; SPAGGIARI, Enrico. Mapeamento do futebol de várzea de São Paulo (SP): reflexões para processos de proteção ao patrimônio. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 28, n. 1, p. 122-152, 2022.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. Tese (Doutorado em Antropologia Social), FFLCH, USP, São Paulo, 2015.

* * *

Recebido em: 09 nov. 2022.
Aprovado em: 15 jan. 2024.